

A defesa da tradição Ocidental da liberdade sob a lei no Brasil: desafios para o presente

BRUNO GARSCHAGEN*

É um privilégio participar deste painel sobre o Brasil e assim unir-me às celebrações dos 50 anos da Universidade Católica Portuguesa, dos 25 anos deste Estoril Political Forum e dos 20 anos do Instituto de Estudos Políticos. É uma alegria ainda maior, coincidência extraordinária, comemorar os meus 10 anos de IEP, o meu lar intelectual, a minha *alma mater*.

Por isso, registro aqui os meus profundos e sinceros agradecimentos à toda família do IEP representada pelo seu diretor, professor doutor João Carlos Espada, e pela organizadora do evento, dra. Rita Seabra Brito. Obrigado pelo convite que muito me honra.

Para quem estuda a política, a situação no Brasil é rica, complexa e, por isso, mesmo, um objeto de estudo muito interessante. A essa hora, por exemplo, eu já não sei qual líder político brasileiro acabou de ser preso e se o presidente Michel Temer continua na presidência da república. Temer que foi denunciado ontem pelo procurador geral da república Rodrigo Janot pelo crime de corrupção passiva.

E talvez pela primeira vez na sua história, não é a política que dita os rumos dos acontecimentos no Brasil, mas é a política que vem sendo ditada por investigações judiciais desenvolvidas pela operação Lava Jato. O juiz Sérgio Moro esteve, inclusive, aqui no Estoril recentemente.

Todo esse turbilhão na política brasileira é pedagógico para uma sociedade que desconfia dos políticos, mas que, paradoxalmente, deseja e exige que o Estado, comandado por aqueles mesmos políticos, seja o grande agente do desenvolvimento social, político e econômico.

Sei que o título do painel nos exige uma reflexão sobre os desafios que estão por vir, mas permitam-me apresentar algumas informações e fazer algumas observações acerca dos desafios que temos que enfrentar no presente para que o Brasil tenha, de facto, um futuro no qual a tradição Ocidental da liberdade sob a lei seja uma realidade consolidada.

Se nos eventos anteriores em que a posição do Brasil na sociedade internacional parecia promissora eu apresentei neste evento críticas substantivas, fundamentadas na ciência política, ao projeto de poder representado pelo Partido dos Trabalhadores, mesmo diante da excitação ingênua dos estrangeiros que desconheciam o que acontecia no meu país, hoje venho, num momento de grande

atribuição política, apresentar uma perspectiva favorável sobre o meu país. Uma perspectiva que não está sendo apresentada adequadamente pela imprensa brasileira muito menos pela imprensa estrangeira. Porque as informações que vos irei apresentar é a de alguém que não apenas estuda, mas que está inserido nesse processo de mudança.

Dois aspectos positivos que eu gostaria de compartilhar com vocês:

PRIMEIRO

O trabalho de investigação, julgamento e punição dos procuradores da república e juízes federais que compõem a Operação Lava Jato. O que eles têm feito é extraordinário do ponto de vista técnico e político.

Do ponto de vista técnico porque procuradores e juízes estão conseguindo aplicar o raciocínio do direito americano, mais propriamente a Análise Econômica do Direito, para investigar a corrupção e depois processar e punir os criminosos de uma maneira até então nova no direito brasileiro. E isso já provocou desdobramentos importantes, como 1) mostrar que é possível usar uma tradição jurídica distinta da brasileira para aprimorar a nossa sem que seja necessário modificar as leis num primeiro momento; e 2) criar maior interesse e impulsionar no universo jurídico doméstico o estudo da Análise Econômica do Direito.

Esses aspectos positivos, porém, não mudam o fato de que os integrantes da Lava Jato, talvez pelo ineditismo da tarefa, têm equivocadamente reforçado a percepção popular de que a política deve ser criminalizada porque seus principais atores e agentes estão envolvidos ou são suspeitos de corrupção e outros crimes. Além disso, procuradores e juízes têm, mesmo que escorados no melhor dos interesses, abusado de suas prerrogativas e funções.

Do ponto de vista político, só descobrimos a profunda, complexa e gigantesca cultura da corrupção na política brasileira pelo trabalho da Lava Jato. E é precisamente essa exposição e punição que poderá ajudar no processo de depuração das elites políticas, do sistema político e do próprio envolvimento com a política da sociedade brasileira, que passou de espectadora alienada e passiva a participante ativa e construtora.

Esse processo de amadurecimento político traz consigo, obviamente, virtudes e vicissitudes, elementos que, creio eu, serão aprimorados ao longo do tempo se o interesse e o envolvimento continuarem.

SEGUNDO

Existe hoje no Brasil um movimento cultural e político descentralizado e crescente que também é orientado pela tradição Ocidental da liberdade discutida aqui neste Estoril Political Forum.

Temos visto uma impressionante mudança de baixo para cima levada a cabo por brasileiros de diferentes partes do país que neste momento desenvolvem trabalhos

distintos, mas complementares em institutos, universidades, movimentos sociais e até mesmo no seio da política formal, para restaurar no país um certo espírito aristocrático e de nobreza que orientou os nossos intelectuais e homens públicos no século XIX.

Homens públicos como José da Silva Lisboa (Visconde de Cairu), Bernardo Pereira de Vasconcelos, Honório Hermeto Carneiro Leão (Marquês do Paraná), Paulino José Soares de Sousa (Visconde do Uruguai), Luís Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco), José Bonifácio de Andrada e Silva, José Joaquim Rodrigues Torres (Visconde de Itaboraí), José Antônio Pimenta Bueno (Marquês de São Vicente), João Correia Alfredo de Oliveira (“o conservador que fez a abolição”), José Joaquim Carneiro de Campos (Marquês de Caravelas), eles que foram “estadistas autênticos” e “verdadeiros pensadores políticos”, e aqui tomo de empréstimos as palavras do historiador João Camilo de Oliveira Torres no livro *Os Construtores do Império*.

Eles que, junto com seus pares, foram artífices e edificadores da nossa ideia de liberdade no século XIX, de acordo com o pensador Ubiratan Borges de Macedo em seu livro homônimo. Uma ideia de liberdade que guardava raízes no profundo vínculo do Brasil com a Europa através de Portugal. Um liame que nos conferia identidade e cultura, como bem percebeu o filósofo brasileiro Vicente Ferreira da Silva em 1958 no artigo *Em Busca de uma Autenticidade*:

“Pertencemos a uma só cultura, com pensamentos, desideratos e maneiras de ser uniformes. Vivemos o Ocidente, somos o Ocidente, o Ocidente institucional, ético, filosófico, religioso, tecnológico e industrial. Não possuímos um ser potencial ou subliminal diverso e exterior à representação ocidental da vida e pronto a se manifestar assim que superarmos essa alienação. A nossa realidade é uma realidade em comum com as formas e ideais europeu-americanos e a nossa tradição é também uma ramificação dessa mesma planta cultural”.

Sendo a nossa tradição também uma ramificação da mesma planta cultural Ocidental, era compreensível que nossos estadistas buscassem inspiração nos grandes de sua época tendo a preocupação de naturalizar as ideias estrangeiras de acordo com a realidade brasileira.

É assim que o Visconde de Cairu, tradutor de extratos da obra de Edmund Burke reunidos em livro publicado em 1812, pretendia “conciliar a ordem com a promoção de reformas destinadas a levar o Brasil a progredir do ponto de vista civilizacional”, segundo o professor brasileiro Christian Lynch (“O caleidoscópio conservador”, in *Edmund Burke – Redescobrimo um Gênio*, São Paulo: É Realizações, 2016, p. 485).

Nesse sentido, assim advertiu Cairu no século XVIII:

“Não nos persuadamos que os nossos maiores nos deixaram todas as possíveis lições de sabedoria. Adotemos da antiguidade o que é bom, e venerável, e não o que se mostra irracional e caduco. Quando a órbita política tornea com tão vertiginoso movimento, é absurdo ficar-se estacionário, e não se seguirem novas regras. Quando o vento salta à proa, o bom piloto muda logo de rumo” (Antônio Penalves Rocha, *Visconde de Cairu*, São Paulo: Editora 34, p. 194).

Os operários contemporâneos da tradição da liberdade são pessoas que acreditam no país porque acreditam que é possível superar as nossas vicissitudes tendo o passado como conselheiro e assim aprimorar aquilo que de melhor nos foi legado e evitar os erros pretéritos.

IDEIA DE LIBERDADE

De que liberdade estou a falar? Falo aqui de uma liberdade que é fundamentada nas virtudes da sociedade não nos vícios a partir dos quais a liberdade é instrumentalizada, resumida à sua dimensão negativa e reduzida à condição de refém de uma menor ou maior coerção exterior.

As virtudes da liberdade exógena que se expressam no âmbito político exigem uma liberdade endógena, esta que é a mais difícil de ser conquistada e que vai determinar se o indivíduo escapará da servidão voluntária, aquela que o faz projetar no Estado a imagem de grande provedor de direitos ilimitados e patrocinador de seus projetos e sonhos.

Um dos grandes desafios que temos no Brasil é mostrar a sua importância para aquela numerosa parcela da sociedade que abriu mão da própria liberdade porque recusa-se a assumir a responsabilidade e o dever da vida em comunidade. Isso é parte da explicação porque o meu país é hoje uma nação de credores que vive de reclamar direitos sem assumir os seus deveres; que vive de cobrar dos outros o que recusa-se a fazer.

O debate sobre liberdade não pode ficar restrito, portanto, à oposição entre liberdade de mercado e coerção estatal. Os aspectos culturais e morais tornam a conversação sobre liberdade mais rica e mais complexa – e, por isso, mais difícil de ser desenvolvida e incorporada pela política forma.

DESAFIOS

Retomando o ponto inicial da minha apresentação, restabeleço em forma de pergunta a discussão que é objeto deste painel: quais são os desafios que o Brasil deve enfrentar no presente para aprimorar o que tem de positivo e reformar ou eliminar o que tem de negativo?

São esses alguns dos desafios que eu reputo serem os mais urgentes:

1- DESENVOLVER UMA ELITE NATURAL (INTELLECTUAL E POLÍTICA) guiada pela tradição Ocidental da liberdade, não pela tradição autoritária que se inicia no Brasil com o golpe militar republicano em 1889 que derrubou a nossa Monarquia.

2- RESTAURAR O ESPÍRITO DA ARISTOCRACIA E DA NOBREZA que existia no Primeiro e no Segundo Reinado no Brasil. Restabelecer, portanto, o capital de virtudes que responde à pergunta *quem governa*, como exposto pelo professor Miguel Morgado em seu livro *A Aristocracia e seus Críticos*.

3- SUPERAR OS EFEITOS COLATERAIS da ausência de uma identidade comum, que provoca um alto grau de desconfiança interna, o sentimento de não pertencimento e o contrário da sensação de familiaridade.

4- MODIFICAR O HÁBITO DE VIOLAR REGRAS dentro do qual a corrupção ocupa lugar de destaque. Respeitar as regras (formais e informais) é fundamental para uma vida harmoniosa em sociedade.

5- OCUPAR ESPAÇOS NAS UNIVERSIDADES, que formam a intelectualidade e a *intelligentsia* e que é há décadas território controlado por militantes de ideologias de esquerda.

6- OCUPAR ESPAÇOS NA POLÍTICA FORMAL e nas instituições políticas, incluindo o judiciário. A transformação porque passa o país será, em algum momento, assimilada e vocalizada por políticos, ou pelos que hoje estão no poder e são seguidores dos anseios de parcelas da sociedade ou pela nova elite política que está neste momento em gestação dentro e fora dos partidos políticos.

7- APRIMORAR AS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS (o que inclui os partidos políticos) para que representem, no âmbito político, o espírito da aristocracia e da nobreza.

8- REFORMAR A POLÍTICA, não só no já citado âmbito cultural que apontei nos pontos 2, 3 e 4, mas uma reforma do sistema de governo, de presidencialismo para o parlamentarismo. Não se trata de uma importância alienígena à nossa cultura política posto que tivemos uma bem-sucedida tradição parlamentar no século XIX. Do ponto de vista instrumental, trata-se de um modelo que permite a resolução mais rápida de crises políticas – e somos experientes nessa matéria - antes de haver grandes traumas e uma degeneração da própria política pela manutenção no poder de elites degeneradas cuja permanência produz instabilidades e conflitos.

Nesse aspecto, é revelador o resumo da instabilidade em 128 anos de república presidencialista no Brasil. Desde o golpe militar de 1889, que derrubou a nossa Monarquia Parlamentar Constitucional, tivemos 6 constituições federais, 9 moedas, por 6 vezes o parlamento foi fechado, houve 5 golpes de estado, 13 presidentes não concluíram os seus mandatos, 31 presidentes foram eleitos indiretamente, incluindo o atual, Michel Temer.

Desses 8 tópicos que apresentei de maneira esquemática, já se vê um esforço de uma parcela da sociedade brasileira no sentido de desenvolver os pontos 3, 5 e 6.

Há um grupo minoritário, mas crescente e qualificado, que opera para converter-se nessa elite natural mencionada no ponto 3 e que no futuro será essencial para RESTAURAR O ESPÍRITO DA ARISTOCRACIA E DA NOBREZA, cumprir os demais tópicos e inspirar a sociedade. Poderão, efetivamente, ser as próximas elites culturais e políticas.

E cada vez mais pessoas qualificadas que se reconhecem agentes da tradição Ocidental da liberdade cumprem os pontos 5 e 6, ou seja, OCUPAM ESPAÇOS NAS UNIVERSIDADES e nas INSTITUIÇÕES POLÍTICAS.

Estamos em um momento especial em que só reformar as instituições não é o suficiente para alterar o estado de coisas e até mesmo fazer o sistema funcionar. É preciso, paralelamente, restaurar essa dimensão individual que está ancorada nas coisas permanentes. A própria ideia de liberdade, da tradição da liberdade, deve começar pela liberdade endógena, individual, para que nós brasileiros possamos romper com esse traço comportamental de servidão voluntária que nos faz delegar, terceirizar, as nossas responsabilidades para um terceiro, seja uma pessoa, uma instituição e o próprio Estado.

Mas há que haver a superação de todos esses desafios no presente, condição *sine qua non* para que tudo o que foi realizado e todos os aspectos positivos identificados até agora não sejam socialmente diluídos e politicamente dispersados e, certamente, neutralizados. E lembremos que estamos há pouco mais de um ano da eleição presidencial de 2018 sobre a qual há pesquisa a informar que o ex-presidente Lula (PT), que é investigado por corrupção pela operação Lava Jato, lidera todos os cenários para vencer seus concorrentes na 1ª volta e, se houver, também na 2ª volta.

Senhoras e senhores, o Brasil de 2017 é um Brasil muito diferente daquele que encontrei em 2009 quando viajei pelo país defendendo a tradição Ocidental da liberdade. O Brasil de hoje, mesmo com o turbilhão atual, vive uma bem-vinda transformação de baixo para cima. É, portanto, um país melhor do que o de ontem, quando apático e indiferente à política e aos grupos ideológicos que instrumentalizaram o Estado para servir ao partido e ao seus projetos de poder.

Entretanto, se é verdade que a turbulência atual da política brasileira abre uma grande janela de oportunidade para mudanças virtuosas, substantivas e duradouras, também abre a cancela (ou porteira) para aventureiros, criminosos e autoritários intelectuais, empresariais e políticos. Eles que aproveitam-se da debilidade da política e da fragilidade das instituições do Estado para ascenderem ao poder e fundamentarem a sua *práxis* numa versão nativa da política de fé de acordo com a definição de Michael Oakeshott.

Por trás de todo o turbilhão porque passa o meu país há sinais e evidências de uma sociedade que pretende ser melhor do que suas elites; que pretende ser ela própria comandante de seu destino e formadora de elites que representem o que temos de melhor, não aquilo que temos de pior.

Muito obrigado.

**Mestre e Doutorando em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, autor do livro best-seller Pare de Acreditar no Governo – Por que os brasileiros não confiam nos políticos e amam o Estado (Editora Record, 2015), professor, podcaster, tradutor, palestrante, colunista do jornal Gazeta do Povo.*